

A automedicação em crianças e adolescentes através da influência parental: uma revisão integrativa

Self-medication in children and adolescents through parental influence: an integrative review

Automedicación en niños y adolescentes a través de la influencia de los padres: una revisión integrativa

Recebido: 19/10/2022 | Revisado: 29/10/2022 | Aceitado: 30/10/2022 | Publicado: 05/11/2022

Allyson Leonardo de Melo Nunes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1312-0987>

Centro Universitário Unifavip Wyden, Brasil

E-mail: allyson.farma.leonardo@gmail.com

Sávio Silvestre Vilela

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2261-6466>

Centro Universitário Unifavip Wyden, Brasil

E-mail: ssaviovilela@gmail.com

Lidiany da Paixão Siqueira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4131-2313>

Centro Universitário Unifavip Wyden, Brasil

E-mail: lidiany.siqueira@professores.unifbv.edu.br

Resumo

A utilização de medicamentos é uma terapia fundamental e de alta aceitabilidade por parte da população no tratamento de distúrbios de etiologias difusas. Atualmente, a automedicação em pacientes de 0 a 15 anos se dá principalmente através da influência direta de seus responsáveis. Maniero et al., (2018) evidenciou uma taxa de 31,1% de prevalência na automedicação infantil mediada por familiares. Objetivos: evidenciar os aspectos que caracterizam a automedicação pediátrica no seio familiar, através da análise de artigos selecionados em bases de dados virtuais. Metodologia: O presente estudo consiste de uma revisão integrativa de literatura, abordando as características da automedicação pediátrica associada ao papel dos pais na mesma. Resultados: Foram encontrados 192 estudos em 5 bases de dados virtuais: National Library of Medicine (NLM/MEDLINE), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências (LILACS), Índice Bibliográfico Español en Ciencias de la Salud (IBECS) e a Base de Dados em Enfermagem (BDENF). Após critérios de inclusão e exclusão, um total de 15 artigos foram selecionados para discussão. Discussões: Foram identificadas taxas de automedicação de 29%, 17%, 15,7% e 20,2%, com 1 mês, 1 ano, 4 anos e 15 anos, respectivamente; já o uso de medicamentos foi tido como 64,7%, 52%, 35% e 30,9%, no mesmo intervalo de tempo. Considerações Finais: A automedicação é um fenômeno comum e preocupante. Ademais, estudos são necessários para mensurar os índices de automedicação no público infantil, para o monitoramento da prevalência e prevenção de seu aumento.

Palavras-chave: Automedicação; Crianças; Adolescentes; Família; Efeitos colaterais e reações adversas relacionados a medicamentos.

Abstract

The use of drugs is a fundamental therapy and highly accepted by the population in the treatment of disorders of diffuse etiologies. Currently, self-medication in patients aged 0 to 15 years is mainly due to direct influence of their responsible/parents. Maniero et al., (2018) showed a 31.1% prevalence rate in child self-medication mediated by family members. Objectives: to highlight the aspects that characterize pediatric self-medication within the family, through the analysis of selected articles in virtual databases. Methodology: The present study consists of an integrative literature review, addressing the characteristics of pediatric self-medication associated with the role of parents in it. Results: 192 studies were found in 5 virtual databases: National Library of Medicine (NLM/MEDLINE), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências (LILACS), Índice Bibliográfico Español en Ciencias de la Salud (IBECS) and Base de Dados em Enfermagem (BDENF). After implementing inclusion and exclusion criteria, a total of 15 articles were selected for discussion. Discussions: Self-medication rates of 29%, 17%, 15.7% and 20.2% were identified at 1 month, 1 year, 4 years and 15 years, respectively; the use of medication was reported as 64.7%, 52%, 35% and 30.9%, in the same time interval. Final Considerations: Self-medication is a common and worrying phenomenon. Furthermore, studies are needed to measure the rates of self-medication in children, to monitor the prevalence and prevent its increase.

Keywords: Self-medication; Children; Adolescents; Family; Drug-related side effects and adverse reactions.

Resumen

El uso de fármacos es una terapia fundamental y altamente aceptada por la población en el tratamiento de trastornos de etiologías difusas. Actualmente, la automedicación en pacientes de 0 a 15 años se da principalmente por influencia directa de los responsables. Maniero et al., (2018) mostraron una tasa de prevalencia del 31,1% en la automedicación infantil mediada por familiares. Objetivos: resaltar los aspectos que caracterizan la automedicación pediátrica en el seno de la familia, a través del análisis de artículos seleccionados en bases de datos virtuales. Metodología: El presente estudio consiste en una revisión integrativa de la literatura, abordando las características de la automedicación pediátrica asociadas al rol de los padres en ella. Resultados: se encontraron 192 estudios en 5 bases de datos virtuales: Biblioteca Nacional de Medicina (NLM/MEDLINE), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Latin American and Caribbean Literature in Science (LILACS), Bibliographic Index Español en Ciencias de la Salud (IBECS) y la Base de Datos de Enfermería (BDENF). Después de los criterios de inclusión y exclusión, se seleccionaron un total de 15 artículos para su discusión. Discusiones: Se identificaron tasas de automedicación de 29%, 17%, 15,7% y 20,2% al mes, 1 año, 4 años y 15 años, respectivamente; el uso de medicamentos fue relatado en 64,7%, 52%, 35% y 30,9%, en el mismo intervalo de tiempo. Consideraciones finales: La automedicación es un fenómeno frecuente y preocupante. Además, se necesitan estudios para medir las tasas de automedicación en niños, para monitorear la prevalencia y prevenir su aumento.

Palabras clave: Automedicación; Niños; Adolescentes; Familia; Efectos colaterales y reacciones adversas relacionados con medicamentos.

1. Introdução

A utilização de medicamentos é uma terapia fundamental e de alta aceitabilidade por parte da população no tratamento de desordens de etiologias difusas. A terapêutica tem sua finalidade alterada quando empregada de forma imprudente na seleção e no uso de fármacos sem supervisão de um profissional prescritor, tipificando uma automedicação. Tal prática é progressiva no Brasil e no mundo, justificada, por exemplo, pela divulgação de Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs) na mídia, pela existência de medicamentos armazenados nos lares (*home pharmacies*) e a influência comunitária na medicação. (Sousa *et al.*, 2018). Estudos de prevalência evidenciaram um índice de automedicação variando entre 30,57% a 38,5% da população no Brasil, num intervalo de 25 anos (1993-2018). (Bertoldi *et al.*, 2012; Cruz *et al.*, 2014).

A incidência de problemas relacionados ao uso de medicamentos é resultado também da venda livre de determinadas classes terapêuticas nas farmácias comerciais, já que nem sempre o farmacêutico acompanha a venda, o que faz com que esses medicamentos sejam interpretados como inofensivos, havendo a subestimação de seus potenciais riscos de interação e de uso indiscriminado. Nesta ocasião, o acesso ao medicamento geralmente se dá a partir da interação cliente-balconista, dinâmica que pode colocar em risco a segurança do paciente, uma vez que o aconselhamento farmacêutico – que é crucial para a garantia do Uso Racional de Medicamentos (URM) – é inexistente. O profissional farmacêutico desempenha um papel vital e proativo na prevenção e resolução de Problemas Relacionados a Medicamentos (PRMs), principalmente no aconselhamento de MIPs. Logo, quando essa interação não é estabelecida, não há garantia de segurança para o paciente durante o uso de medicamentos, o que possibilita o surgimento de efeitos adversos. (Ylä-Rautio *et al.*, 2020)

O acesso ao tratamento farmacológico garante que, quando realizado de forma correta e em situações necessárias, a terapia contribua significativamente para a recuperação e manutenção da saúde, o que fundamenta a necessidade de os medicamentos apresentarem segurança, eficácia e qualidade para o paciente. De outro modo, o uso indiscriminado de medicamentos pode oferecer riscos aos usuários, principalmente para o público pediátrico (0 a 15 anos), uma vez que os processos de farmacocinética e farmacodinâmica serão diferentes nas crianças quando comparados aos adultos, acrescendo ao fato de que por motivos legais, éticos e econômicos, essa coletividade pouco é incluída em ensaios clínicos, tornando-se necessário o uso de medicamentos de modo empírico, caracterizando-os assim, vulneráveis. (Maniero *et al.*, 2018)

Segundo Cruz *et al.* (2014), crianças e adolescentes possuem uma fisiologia em desenvolvimento e de maior sensibilidade quando comparada a pacientes adultos. Estatura, peso, alterações funcionais e faixa etária modulam a fisiologia, e, por sua vez, a farmacocinética. Alteração do pH gástrico, variação no volume de distribuição conforme a idade e a sobrecarga

hepática são exemplos de modulações que implicam numa administração incerta. Resultando numa maior necessidade de atenção na prescrição e administração de fármacos, tanto do ponto de vista ético quanto da eficácia e segurança. Dessa forma, a terapêutica infantil e juvenil deveria ser modulada conforme as características farmacocinéticas do Insumo Farmacêutico Ativo (IFA), quer pela forma farmacêutica, quer por adjuvantes técnicos.

Nos dias de hoje a automedicação em pacientes de 0 a 15 anos se dá principalmente através da influência direta de seus responsáveis. Maniero *et al.* (2018) evidenciou uma taxa de 31,1% de prevalência na automedicação infantil mediada por familiares. Neste momento, a ausência de orientação profissional acarreta problemas relacionados ao uso inadequado de medicamentos, como a utilização de antibióticos para tratar infecções de origem viral, utilização de fármacos sem efetividade comprovada, além de problemas com erros na dosagem, intervalo de administração e tempo de utilização. (Telles & Pereira, 2013)

A automedicação pediátrica é um fenômeno comum, e é favorecida também pela indisponibilidade de atendimento médico e pela falta de medicamentos básicos nos serviços de saúde. Um estudo transversal realizado em 2018 em municípios do estado do Piauí e Pará, avaliou a prevalência e fatores associados à automedicação; 30% e 25% do público pediátrico de duas cidades haviam sido automedicadas nos últimos 15 dias que antecederam a pesquisa, tal fato se deu principalmente pela falta de atendimento médico a população estudada. Decerto, sabe-se que o uso de medicamentos conforme a necessidade promove um alívio imediato ou momentâneo que, adversamente, pode provocar quadros de anafilaxia, omissão sintomatológica e iatrogenia evitáveis. (Goulart *et al.*, 2012)

No Brasil, a caracterização do padrão de consumo de medicamentos pela população brasileira como um todo é escassa e o índice de automedicação entre as cinco regiões do Brasil é variável. (Arrais *et al.*, 2016). Com base nisso, o presente trabalho visa evidenciar os aspectos que caracterizam a automedicação pediátrica no seio familiar, através da análise de uma coletânea de artigos selecionados em bases de dados virtuais, correlacionando com o intermédio dos pais.

2. Metodologia

O presente estudo consiste de uma revisão integrativa de literatura, que foi definida por Soares *et al.* (2014) como sendo “tipo de revisão da literatura que reúne achados de estudos desenvolvidos mediante diferentes metodologias, permitindo aos revisores sintetizar resultados sem ferir a filiação epistemológica dos estudos empíricos incluídos.”, e que se alinha com o pensamento de Souza *et al.* (2010) “mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado”. Baseando-se nas ideias propostas pelos autores supracitados, a pergunta norteadora foi delimitada com o intuito de abranger o escopo da pesquisa (público-alvo, temática) e possibilitar um confronto de resultados encontrados nos estudos. Dessa forma, “Qual a relação entre o intermédio dos pais e a automedicação pediátrica?” foi delimitada como questão norteadora, já que aborda os índices de automedicação na faixa etária infanto-juvenil e associa o papel parental na influência/prática da mesma.

Assim, para o recrutamento de artigos a serem utilizados no trabalho, fora necessário estabelecer critérios de inclusão aos mesmos, sendo eles: determinação de um intervalo de relevância temporal de 12 anos, abrangendo o período 2010 a 2022, identificação de artigos que abordassem ensaios clínicos, randomizados, estudos de meta-análise ou revisões e a existência de material acadêmico nos idiomas português, inglês e espanhol. Alinhado com os dados anteriores, a pesquisa utilizou os descritores em 3 línguas – Português, Inglês e Espanhol, cujos quais são: Automedicação, Crianças, Família; Self-medication, Children, Family; Automedicación, Niños, Familia; estes, por sua vez, foram cruzados entre si, utilizando o operador booleano “AND”. Todos os dados acima foram utilizados em bancos de dados virtuais que serviram de fonte para a captação de artigos, sendo eles *National Library of Medicine (NLM/MEDLINE)*, *Scientific Electronic Library Online (SCIELO)*, *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências (LILACS)*, *Índice Bibliográfico Español en Ciencias de la Salud (IBECS)* e a Base de Dados

em Enfermagem (BDENF). Após a captação de artigos, outro filtro precisou ser estabelecido, os critérios de exclusão, removendo artigos que fossem repetidos nas plataformas, que apresentassem uma divergência ante ao tema, e, que não respondessem à pergunta norteadora.

O método utilizado para a extração de informação dos artigos foi o de Análise de Conteúdo defendida por Sousa e Santos (2020), necessitando estabelecer uma padronização da vistoria de conteúdo, garantindo assim uma maior qualidade do processamento de dados. Portanto, consiste numa trinca de ações sequenciais: a Pré-análise (segmento onde há uma leitura superficial dos dados do artigo, como título e resumo; determinação da característica marcante de cada artigo selecionado), a Exploração (os artigos passam por uma leitura criteriosa, determinando o ponto principal da peça, assim criando categorias de ideias) e o Tratamento dos resultados (onde as ideias já categorizadas são interpretadas e correlacionadas entre si, criando uma integração de ideias que giram em torno do tema e da pergunta norteadora).

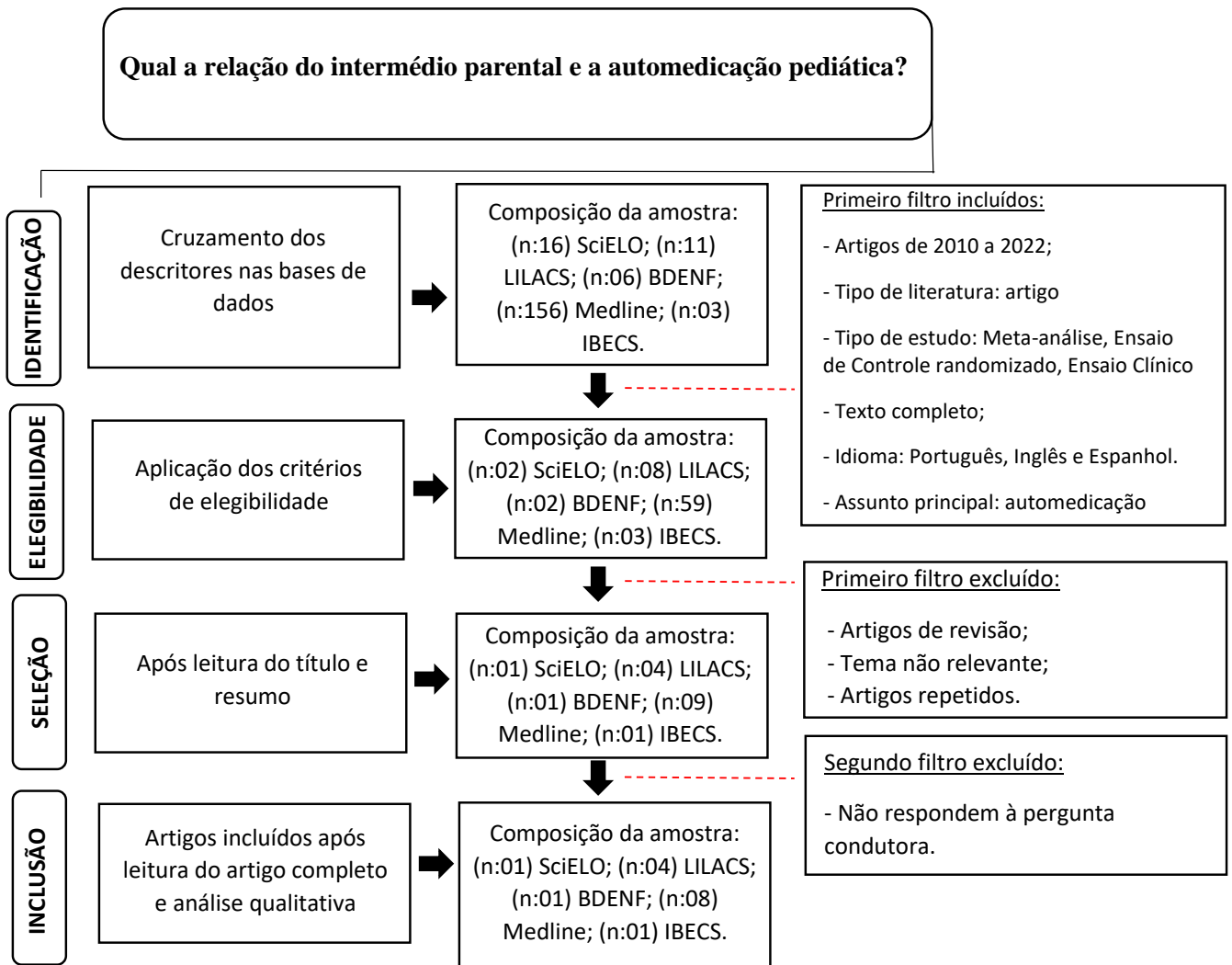
Com o intuito de elucidar a compreensão da captação de artigos e de seu processamento, foram utilizados elementos gráficos como fluxogramas e quadros que seguiram uma sequência lógica quanto a sua estrutura. O primeiro apresenta dados numéricos relativos às etapas de pesquisa, sendo estratificado em 4 etapas: Identificação (quantidade de artigos sem filtros), Elegibilidade (adição dos filtros de inclusão), Seleção (aplicação dos filtros de exclusão) e por fim, a Inclusão (o número final de artigos utilizados). Já o segundo expõe os dados encontrados nos artigos selecionados, apresentando o título, os objetivos do trabalho, os resultados demonstrados em cada estudo, assim como o periódico em que foi publicado. A utilização de recursos gráficos torna o processo de compreensão mais rápido e claro, deixando-o menos maçante, uma vez que apresenta uma vasta quantidade de informações.

Por fim, os dados obtidos e apresentados nesta revisão integrativa, respeitam a ética no processamento de tais informações, referenciando toda e qualquer informação oriunda de outro estudo. Ademais, a perspectiva do Comitê de Ética em Pesquisa ficou isenta já que se trata de uma revisão de literatura integrativa, e, as informações expostas foram devidamente analisadas por seus devidos pesquisadores.

3. Resultados e Discussão

Os dados obtidos e, aqui, apresentados são provenientes de pesquisas acuradas e sistematizadas em bancos de dados virtuais, alinhadas com uma estratégia de análise de conteúdo que padroniza e facilita a integração entre as informações. No total foram encontrados 192 estudos em 5 bases de dados virtuais distintas, onde também foram filtrados conforme os métodos de inclusão e excluídos conforme os critérios de exclusão, resultando um total de 15 artigos a serem comentados neste texto. O processamento foi ilustrado em fluxograma para fácil compreensão (Figura 1) e os dados extraídos dos artigos compuseram quadros, sendo o primeiro expôs os autores, o título do projeto, o objetivo do mesmo, seu ano de publicação seguido do periódico que o publicou (Quadro 1), e, o segundo, apresenta uma análise mais detalhada da opinião e perspectiva de cada autor ante o tema trabalhado (Quadro 2).

Figura 1 - Demonstração gráfica do processamento dos artigos para a obtenção das informações trabalhadas no presente artigo.



Fonte: Autores (2022).

Quadro 1 - Descrição dos artigos selecionados, após leitura completa e conforme pergunta condutora.

Id	Autores	Título	Objetivo	Ano	Periódico
1	Hellen Karoline Maniero, Alexandra Alvares Martins, Angelita Cristine Melo, Leonardo Petrus da Silva Paz, Rosiane de Bona Schraiber, Dayani Galato.	Uso de medicamentos em crianças de zero a cinco anos de idade residentes no município de Tubarão, Santa Catarina.	Analisar o perfil de utilização de medicamentos em crianças de zero a cinco anos de idade.	2018	Rev Paul Pediatr. 2018;36(4):437-444
2	Joeyeuse Ukwishka, Christian Umuhoza, Peter Cartledge, Natalie McCall.	Pediatric self-medication use in Rwanda – a cross sectional study.	Determinar o uso relatado de automedicação em Ruanda e determinar atitudes e razões associadas às decisões dos pais de automedicar seus filhos.	2020	African Health Sciences, Vol 20 Issue 4, December, 2020
3	Flor Ángela Tobón Marulanda, Santiago Montoya Pavas, Miguel Ángel Orrego Rodriguez.	Automedicación familiar, um problema de salud pública	Investigar os motivos da automedicação nas famílias.	2018	Educ Med. 2018;19(S2):122-127
4	Jéssica Gama da Silva, Giovana Calcagno Gomes, Aline Rodrigues Costa, Lais Farias Juliano, Caroline Passos Aruda, Lorrane Nogueira Carvalho.	A prática da automedicação em crianças por seus pais: atuação da enfermagem	Conhecer como se dá a prática da automedicação em crianças por seus pais.	2018	Rev enferm UFPE on line., Recife, 12(6):1570-7, jun., 2018
5	Petruța Tarcu, Ana Maria Alexandra Stanescu, Camélia Cristina Diaconu, Luminita Paduraru, Alina Duduciuc, Smaranda Diaconescu.	Patterns and Factors Associated with Self-Medication among the Pediatric Population in Romania	Identificar as atitudes e comportamentos dos indivíduos em relação à automedicação, principalmente as crenças dos pais e os riscos percebidos em relação à administração de determinados tratamentos aos filhos sem procurar orientação médica.	2020	Medicina 2020, 56, 312
6	Gabriela Colonetti Beckhauser, Juliana Medeiros de Souza, Cleidson Valgas, Anna Paula Piovezan, Dayani Galato.	Utilização de medicamentos na pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis	Conhecer a automedicação em crianças moradoras de uma cidade da região Sul do Brasil.	2010	Rev Paul Pediatr 2010;28(3):262-8.
7	Paulo Celso Prado Telles Filho, Assis do Carmo Pereira Junior.	Automedicação em crianças de zero a cinco anos: fármacos administrados, conhecimentos, motivos e justificativas	Analisar os fármacos administrados, conhecimentos, motivos e justificativas dos pais e/ou responsáveis em relação à automedicação em crianças.	2013	Esc Anna Nery (impr.)2013 abr - jun; 17 (2):291-297
8	Renata de Araújo de Medeiros, Vioska Gomes Pereira, Soraya Maria de Medeiros.	Vigilância em saúde na enfermagem: o caso das medicações sem prescrição em crianças	Descrever os motivos que levaram as mães a administrarem medicamentos sem prescrição profissional a seus filhos.	2011	Esc Anna Nery (impr.)2011 abr -jun; 15 (2):233-237
9	Angel Josabad Alonso-Castro, Yeniley Ruiz-Noa, Gissela Cristel Martínez-de la Cruz, Marco Antonio Ramírez-Morales, Martha Alicia Deveze-Álvarez, Raymundo Escutia-Gutiérrez, Candy Carranza-Álvarez, Fabiola Domínguez, Juan José Maldonado-Miranda, Alan Joel Ruiz-Padilha.	Factors and Practices Associated with Self-Medicating Children among Mexican Parents	Fornecer informações sobre os fatores e práticas associadas à automedicação de crianças entre pais do México.	2022	Farmacêutica (Basileia). 2022 setembro; 15(9): 1078.
10	Vincenzo de Sanctis, Ashraf T Soliman, Shahina Daar, Salvatore Di Maio, Rania Elalaily, Bernadette Fiscina, Christos Kattamis.	Prevalence, attitude and practice of self-medication among adolescents and the paradigm of dysmenorrhea self-care management in different countries.	Fornecer dados referentes ao perfil da automedicação em diferentes comunidades, focando no público adolescente.	2020	Acta Biomed 2020; Vol. 91, N. 1: 182-192
11	Paulo Sérgio Dourado Arrais, Maria Eneida Porto Fernandes, Tatiane da Silva Dal Pizzoli, Luiz Roberto Ramos, Sotero Serrate Mengue, Vera Lucia Luiza, Noemia Urruth Leão Tavares, Mareni Rocha Farias, Maria Auxiliadora Oliveira, Andréa Dâmaso Bertoldi.	Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados.	Analisar a prevalência e os fatores associados à utilização de medicamentos no Brasil.	2016	Rev Saúde Pública. 2016;50(supl 2): 13s
12	Andréa Dâmaso Bertoldi, Marysabel Pinto Telis Silveira, Ana M.B. Menezes, Maria Cecília Formoso Assunção, Helen Gonçalves, Pedro Curi Hallal.	Tracking of Medicine Use and Self-medication from Infancy to Adolescence: 1993 Pelotas (Brazil) Birth Cohort Study.	Mensurar o uso de medicamentos e automedicação da infância a adolescência.	2012	Journal of Adolescent Health 51 (2012) S11–S15
13	Marília Garcez Corrêa da Silva, Maria Cristina Flores Soares, Ana Luiza Muccillo-Baisch.	Self-medication in University students from the city of Rio Grande, Brazil.	Identificar a prevalência e fatores associados com a automedicação entre estudantes do primeiro e último ano, inscritos ou não em cursos da saúde.	2012	BMC Public Health 2012, 12:339
14	Lívia Alves Oliveira de Sousa, Marta Maria da França Fonteles, Mirian Parente Monteiro, Sotero Serrate Mengue, Andréa Dâmaso Bertoldi, Tatiane da Silva Dal Pizzol, Noemia Urruth Leão Tavares, Maria Auxiliadora Oliveira, Vera Lucia Luiza, Luiz Roberto Ramos, Mareni Rocha Farias, Paulo Sérgio Dourado Arrais.	Prevalência e características dos eventos adversos a medicamentos no Brasil.	Descrever a prevalência dos Reações Adversas Medicamentosas (RAMs) e fatores associados relatados pelos usuários de medicamentos no Brasil.	2018	Cad. Saúde Pública 2018; 34(4)

15	Maria J.B. Cruz, Lays F.N. Dourado, Emerson C. Bodevan, Renata A. Andrade, Delba F. Santos.	Medication Use among children 0-14 years old: population baseline study.	Determinar a prevalência do uso de medicamentos em crianças e adolescentes em 20 municípios do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil, demonstrando os grupos principais e variáveis que podem influenciar seu uso.	2014	Jornal de Pediatria, 90(6), 608-615.
----	---	--	--	------	--------------------------------------

Fonte: Autores (2022).

Quadro 2 - Descrição dos artigos selecionados, após leitura completa e conforme pergunta condutora.

Id	Título	Metodologia	Síntese do resultado
01	Uso de medicamentos em crianças de zero a cinco anos de idade residentes no município de Tubarão, Santa Catarina.	Estudo observacional com delineamento transversal.	Foram entrevistados 350 cuidadores, cujas crianças sorteadas possuíam uma média de 2,6 anos de idade. O estudo mostra que, destas, 56,9% fizeram uso de pelo menos um medicamento nos últimos dias que antecederam à entrevista. Dessa porcentagem, 31,1% foram expostos à automedicação e 35,7% utilizaram, pelo menos, um medicamento obtido através de prescrição atual. 19,1% das crianças foram expostas a pelo menos um medicamento de forma inadequada (considerando dose, intervalo entre doses ou período de tratamento). Em relação ao armazenamento, 55,2% dos medicamentos estavam guardados em lugar inseguro (ao acesso das crianças) e 32,0% inadequados (expostos a luz, calor ou umidade). 45,2% dos medicamentos estavam sem bula, 38,9% sem embalagem secundária e 1,6% fora do prazo de validade.
02	Pediatric self-medication use in Rwanda – a cross sectional study.	Estudo quantitativo transversal multicêntrico.	A automedicação foi relatada em 77,9% dos casos analisados no estudo. 50,8% dos pais/cuidadores administravam medicamentos sintéticos aos filhos; 15,8% usavam apenas ervas tradicionais e 33,3% utilizavam ambas as terapias. A pesquisa mostra que o paracetamol foi a droga mais utilizada na automedicação por medicamentos sintéticos, sendo as barreiras para realizar consulta com profissional prescritor o motivo de realização da prática.
03	Automediciación familiar, um problema de salud pública	Estudo exploratório e descritivo qualitativo-quantitativo.	Foi evidenciado no estudo que 42% das famílias utilizam medicamentos sem prescrição pela influência de meios de comunicação como a televisão e efeito terapêutico. Os medicamentos mais utilizados foram aqueles que tratam a gripe em adultos - 37,25%, crianças - 19,61% e idosos - 5,88%. Em segundo lugar, há a incidência de uso de anti-hipertensivos em adultos - 27,5% e idosos - 19,61%.
04	A prática da automedicação em crianças por seus pais: atuação da enfermagem	Estudo qualitativo, de caráter exploratório e descritivo.	O estudo revelou que a automedicação foi realizada em casos de febre, dor e cólica, sendo os medicamentos mais utilizados: analgésicos e antitérmicos, além de medicamentos para tratamento de cólica, doenças do trato respiratório e utilização de plantas medicinais. Os pais tinham o objetivo de amenizar os sintomas dos filhos, e referiram dificuldade de locomoção até um atendimento de saúde. Também referiram terem tido indicação de familiares, farmacêuticos e pediatras em consultas anteriores.
05	Patterns and Factors Associated with Self-Medication among the Pediatric Population in Romania	Estudo descritivo.	O estudo evidencia que 70% da população entrevistada relata que automedica seus filhos, principalmente em casos em que as crianças se apresentavam doentes nos seis últimos meses. Os pais também demonstraram saber os riscos da automedicação.
06	Utilização de medicamentos na pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis	Estudo transversal.	Foram entrevistados cuidadores/responsáveis pelas crianças em 83 domicílios, sendo coletadas informações de 121 crianças (de seis meses a 14 anos). Do público entrevistado, 75% relataram ter praticado a automedicação alguma vez, em 95% dos casos, a mãe foi a responsável pela prática. Em relação aos motivos que levaram à automedicação, praticidade (88%), febre (58%) e dor (12%) foram as mais citadas. O paracetamol (45%) foi o medicamento mais utilizado, seguido da dipirona (15%). Foi evidenciado que há associação entre a reutilização de receitas antigas e a idade da criança inferior a sete anos, assim como entre a utilização de medicamentos sem prescrição de profissional habilitado e morar em domicílios com mais de quatro pessoas.
07	Automedicação em crianças de zero a cinco anos: fármacos administrados, conhecimentos, motivos e justificativas	Estudo descritivo.	Foram entrevistados 50 pais e/ou responsáveis de crianças de até cinco anos, representados por 64% crianças do sexo masculino e 36% crianças do sexo feminino. Em relação a renda dos pais/responsáveis, 18% apresentaram renda menor que um salário mínimo, 48% renda igual a um salário mínimo, 22% renda igual a dois salários mínimos e 12% renda igual a três salários mínimos. Em relação à escolaridade dos pais e/ou responsáveis, 38% estudou até o ensino fundamental e 62% até o ensino médio. As principais profissões dos pais e/ou responsáveis eram faxineira, tecelã, camareira, balconista, lavadeira, pintora e garimpeira. O medicamento dipirona (54%) foi relatado como o medicamento mais autoadministrado, seguido de paracetamol (36%), xaropes expectorantes (22%), amoxicilina (10%), simeticona (4%) e metoclopramida (2%).
08	Vigilância em saúde na enfermagem: o caso das medicações sem prescrição em crianças	Estudo descritivo exploratório, com abordagem qualitativa.	Observa-se no estudo que de 20 mães entrevistadas, todas elas automedicaram os seus filhos nos últimos três meses, os medicamentos mais utilizados foram: Paracetamol - 30%, Vitamina C - 20%, Dipirona - 20%, Xarope - 20% e Amoxicilina - 10%. Já com relação às doenças que as mães entrevistadas acreditavam que seus filhos tinham e que justificaram a automedicação por elas, foi verificado o seguinte: em primeiro lugar foi citada febre (50%), seguida por gripe (25%), resfriado (13%) e infecção na garganta (12%). Os principais motivos que levaram as mães a automedicarem seus filhos foram febre (43%), experiência anterior (43%) e gripe (14%). A presença de barreiras para realização de consulta médica foi justificada como um dos principais motivos que colaboraram com a prática da automedicação.
09	Factors and Practices Associated with Self-Medicating Children among Mexican Parents	Estudo transversal e descritivo.	O estudo foi caracterizado pela aplicação de uma pesquisa online com alcance de 32 estados do México. Ao todo, 9.905 formulários foram preenchidos. Idade, ter dois ou mais filhos, filhos com doenças crônicas, escolaridade média, desemprego ou emprego não relacionado à saúde, nível socioeconômico médio e alto e falta de segurança médica, foram descritos como fatores associados à prática da automedicação pediátrica. A automedicação pediátrica foi resultante de recomendação familiar ou amigo (55,8%) e iniciativa própria (28%). O medicamento mais utilizado foi VapoRub (61,3%), seguido

			de paracetamol (56,9%) e camomila (33,1%), e os sintomas mais prevalentes foram gripe/fluxo (47,7%) seguido de tosse (34,2%).
10	Prevalence, attitude and practice of self-medication among adolescents and the paradigm of dysmenorrhea self-care management in different countries.	Estudo descritivo.	Analisou vários índices dos fatores associados à automedicação em adolescentes de ambos os sexos. Meninas apresentaram um maior percentual de automedicação (74%) que meninos (24%), ainda evidenciando que a origem destes medicamentos é, em sua maioria, do armazenamento em casa frente a aquisição (60% e 53,9%, respectivamente). Demonstrou que meninas apresentam um direcionamento de dúvidas quanto a medicamento para seus pais e amigos e meninos acatam melhor a ideia de consultas médicas. Um perfil das variáveis que estimulam a automedicação foi formado, apontando que adolescentes e crianças com pouca saúde, não imigrantes, cujos pais apresentem uma educação média ou superior e que apresentem um maior poder aquisitivo. Ainda, expôs que as classes de medicamentos mais usadas foram Anti-Inflamatórios Não Esteroidais (AINES), analgésicos, contraceptivos e antibióticos (9,9%).
11	Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados.	Estudo Transversal.	Foram analisadas 40.833 pessoas, apontando que a prevalência da automedicação no Brasil foi de 16,1%. Demonstrando um perfil que apresenta a maior prevalência cumulativa como sendo, sexo feminino, residente da região nordeste, apresentando >12 anos de escolaridade, de raça amarela e indígena, que apresentem duas ou mais doenças crônicas e que foram hospitalizadas uma ou mais vezes no ano anterior à pesquisa. Evidenciou que a automedicação incide em Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs) (65,5%), sendo seguido pelos que precisam de prescrição médica (24,4%) e os de controle especial (0,5%). Houve também um relato de automedicação envolvendo antibióticos (2,3%). Os medicamentos mais utilizados conforme a pesquisa foram: Dipirona (15,4%), associada a Orfenadrina e Cafeína (12,1%) e Paracetamol (11,4%).
12	Tracking of Medicine Use and Self-medication from Infancy to Adolescence: 1993 Pelotas (Brazil) Birth Cohort Study.	Estudo de Coorte.	Fora analisado os partos e bebês de 5.249 mães na cidade de Pelotas, Brasil. O estudo acompanhou o crescimento das crianças por 15 anos, demonstrando o perfil de ingestão de medicamentos em intervalos de tempo. Apontou a correlação entre os índices de uso de medicamentos em anos iniciais, infância e adolescência com os índices de automedicação, demonstrando a presença de um padrão decrescente no uso de medicamentos (64,7%, 52%, 35%, 37,2%), mas um padrão U na automedicação (29%, 17%, 15,7%, 20,2%), dados acima em 1 mês, 1 ano, 4 anos e 15 anos respectivamente. Demonstrou que crianças que sofriam automedicação apresentavam uma maior probabilidade de se automedicar no futuro. Demonstrou que meninas apresentam uma maior prevalência do uso de medicamentos, devido a menarca, e que há uma maior procura de médicos pelas mesmas, já os meninos seguem orientações alternativas quanto aos medicamentos. Demonstrou que a automedicação é 28% mais incidente em famílias com maior patrimônio e maior escolaridade dos pais.
13	Self-medication in University students from the city of Rio Grande, Brazil.	Estudo de prevalência.	Foram analisadas 789 pessoas durante o segundo trimestre de 2010, demonstrando um perfil diferencial envolvido na automedicação, apontando homens como sendo a classe que é mais incidente quando em análise multivariada. Ademais, apresentou que na Croácia, os índices de automedicação são estimulados pelas Home Pharmacies (68,3%), seguida conselhos familiares sobre os medicamentos (53,1%) e a reutilização de uma prescrição antiga (40,4%).
14	Prevalência e características dos eventos adversos a medicamentos no Brasil.	Estudo transversal com base populacional.	O estudo analisou 41.433 respostas ao questionário proposto, apresentando, assim, os índices de iatrogenias existentes no Brasil (6,6%), apresentando um percentual maior quando associado a automedicação (7,8%). Os medicamentos mais causadores destes desconfortos são aqueles mais específicos como antineoplásicos (19,2%), anti-infecciosos sistêmicos (8%) antiepiléticos (7,9%). Relatando que os medicamentos mais associados dentre seus usuários são a Fluoxetina (9,3%), o Diclofenaco (9%) e a Amitríptilina (8,5%). As reações adversas mais comuns evidenciadas foram a sonolência (12,5%), dor epigástrica (10,5%) e náuseas (6,8%).
15	Medication Use among children 0-14 years old: population baseline study.	Estudo descritivo e exploratório de corte transversal.	O estudo incluiu 555 pessoas cujas respostas foram utilizadas na produção dos dados, apontando que há uma maior incidência no uso de medicamentos na faixa etária de 7 a 14 anos (43,9%). Demonstrou ainda que o consumo de medicamentos era associado com a utilização de plantas medicinais (72,9%), divididas entre chás (37,7%) e infusões (37%). Todas as condições supracitadas incluem pessoas que apresentam um nível mínimo de saneamento básico. As condições que levaram ao uso dos medicamentos são desordens pulmonares (49,7%), febre (5,4%), cefaleia (5,4%) e desordens no trato gastrointestinal (6,7%). Um percentual mediano de mães (30,57%), apresentaram a automedicação no tratamento de seus filhos. Os medicamentos mais utilizados na faixa etárias de 0 a 14 foram o paracetamol (30,2%), dipirona (20,8%) e antigripais (18,8%).

Fonte: Autores (2022).

A automedicação é tida na cultura médico-farmacêutica como um fenômeno comum, bastante discutido e que causa preocupação, tendo em vista os possíveis danos à saúde provocados. A prática é baseada na aquisição de um produto - medicamento - por um indivíduo enfermo ou por seu responsável, a fim de que se obtenha um efeito terapêutico que se acredita que lhe trará benefícios no tratamento de doenças e no alívio de sintomas. Todavia, sabe-se que a automedicação quando realizada de forma errônea, sem auxílio prévio de um profissional habilitado, pode causar riscos, como o surgimento de efeitos indesejados, doenças iatrogênicas e o mascaramento de enfermidades, o que justifica a necessidade de supervisão qualificada. (Araújo, 2014)

No seio familiar, as condições que contornam a cultura da automedicação estão geralmente atreladas a comportamentos baseados em “achismos”, que são influenciados pelos indivíduos do próprio lar, vizinhos, internet e propagandas de televisão. Dessa forma, a automedicação é praticada pelo compartilhamento de medicamentos por familiares, reutilização de medicamentos de tratamentos antigos e reutilização de prescrições médicas. Tal prática é considerada danosa à saúde dos sujeitos, já que não

houve consulta médica e nem aconselhamento farmacoterapêutico por um farmacêutico durante o processo de adoecimento. (Marulanda *et al.*, 2018)

O conhecimento das famílias a respeito do uso racional de medicamentos, no geral, é limitado. Em sua pesquisa de cunho exploratório-descritivo, Marulanda *et al.* (2018) que objetivou investigar os motivos que levam a automedicação no meio familiar, demonstrou que um número representativo de famílias afirmou saber a diferença entre nome genérico e comercial de medicamentos, mas que os mesmos também afirmaram que esses medicamentos eram responsáveis por diferentes efeitos terapêuticos. Todavia, considera-se que essas drogas, embora tenham nomes diferentes, possuem o mesmo efeito terapêutico; tal situação expõe que a automedicação mediada por familiares é deficiente de informações intrínsecas para garantia da farmacovigilância e o quão crucial é a realização de atividades relacionadas à promoção do uso racional de medicamentos, de modo que o diálogo entre paciente e profissional seja realizado, permitindo o conhecimento necessário acerca da utilização de medicamentos, culminando na segurança na terapêutica. (Marulanda *et al.*, 2018)

Assim como Marulanda *et al.* (2018), Telles e Pereira (2013) demonstraram que o conhecimento das famílias acerca dos medicamentos administrados em seus filhos é escasso. Em uma questão da pesquisa, relativa a conhecimentos sobre os fármacos utilizados, obtiveram-se respostas como: “não conheço nada sobre a dipirona”, “Paracetamol corta os vermes”, “amoxicilina tira as dores do corpo do meu filho”. Nesse contexto, nota-se que é imprescindível a educação de maneira crítica de profissionais de saúde, a fim de que estes se tornem multiplicadores de informações e promovam o uso racional de medicamentos, principalmente quando o público é pediátrico, por apresentarem características farmacocinéticas e farmacodinâmicas em desenvolvimento, decorrente de suas alterações fisiológicas. (Khan *et al.*, 2022)

Em um estudo realizado por Beckhauser *et al.* (2010), mostrou-se que 62% dos filhos dos pais e/ou responsáveis entrevistados já foram automedicados. Da mesma forma, 53% dos pais e/ou responsáveis já utilizaram prescrições antigas ou sobra de medicamentos para tratar sintomas apresentados pelos filhos, 65% dos pais e/ou responsáveis utilizam medicamentos sem receita de um profissional prescritor, 14% dos pais e/ou responsáveis já alteraram a prescrição médica e 30% dos pais e/ou responsáveis automedicaram seus filhos no último mês. Os autores do estudo evidenciaram também que as causas tratáveis na automedicação das crianças foram dor e febre, sendo, portanto, analgésicos e antitérmicos as classes medicamentosas mais descritas, representadas pelo paracetamol (45%), dipirona (15%), ibuprofeno (6%) e pelo ácido acetilsalicílico (3%). Além disso, Beckhauser *et al.* relata que não houve associação entre o consumo de medicamentos por automedicação e a escolaridade dos pais, que variaram de ensino fundamental completo, ensino médio completo e ensino superior completo. (Beckhauser *et al.*, 2010)

Os achados no estudo de Telles e Pereira (2013) se comparam aos encontrados por Beckhauser *et al.* (2010); este primeiro também evidencia que a dipirona (54%) e o paracetamol (36%) lideraram o ranking da automedicação em crianças, seguido de xaropes expectorantes (22%), amoxicilina (10%), simeticona (4%) e metoclopramida (2%). Os resultados demonstram dois grandes problemas provenientes da automedicação: a utilização de antibióticos sem prescrição e acompanhamento profissional, que contribui para a seleção de bactérias resistentes; e a utilização de mais de um medicamento em cada criança, o que pode potencializar os efeitos terapêuticos, reduzir a eficácia, contribuir para o surgimento de reações adversas (de graus distintos) ou ainda, não provocar o efeito esperado. (Telles & Pereira, 2013)

A utilização indiscriminada de antibióticos também é observada no estudo descritivo exploratório realizado por Medeiros *et al.* (2011), onde há o predomínio de utilização de dipirona, paracetamol, xaropes e amoxicilina para tratamento de febre, gripe e infecção da garganta. Usualmente, o uso de medicamentos para os sintomas e quadros descritos são típicos de doenças autolimitadas, de remissão espontânea e afecções cíclicas, desta forma, a utilização de analgésicos, vitaminas e preparados para tosse são justificáveis, exceto o uso da amoxicilina, haja vista que a utilização de antibióticos é monitorada, indicado no tratamento de infecções bacterianas, a fim de que se evite o surgimento de bactérias super resistentes, como já

supracitado. Quando indagadas a respeito do surgimento de efeitos adversos decorrentes da administração dos medicamentos, 90% das mães entrevistadas relataram que não foram observados nenhum efeito adverso, e 10% das mães entrevistadas não responderam à pergunta. (Medeiros *et al.*, 2011) De outro modo, o surgimento de efeitos adversos após a automedicação foi frisada no estudo de Alonso-Castro *et al.* (2022), onde 27,1% dos cuidadores reportaram que seus filhos tiveram pelo menos um efeito adverso proveniente da automedicação, sendo eles: cefaleia (37%), vômitos (24%), tontura (18%), irritabilidade (6%) e dor de estômago (5%), o que demonstra que medicamentos de uso cotidiano - em tal caso: loratadina, ambroxol ou ibuprofeno, podem trazer riscos indesejados ao organismo após administração negligente. (Alonso-Castro *et al.*, 2022)

Um estudo transversal envolvendo 41.433 pessoas determinou um índice de iatrogenias no Brasil como sendo 6,6%, mas ao correlacionar com a automedicação, este estímulo aumenta para 7,8%, aproximadamente 498 pessoas a mais. O papel do farmacêutico atuante na prevenção e intervenção das Reações Adversas Medicamentosas (RAMs) torna-se dispensável já que há uma ampla disponibilidade de MIPs consumidos de forma errada. A princípio, as reações adversas geram pequenos distúrbios em diversos sistemas fisiológicos, tendo a sonolência (12,5%), a dor epigástrica (10,5%) e as náuseas (6,8%), como as mais frequentes. Contudo, o novo sintoma é, comumente, associado à evolução da condição clínica, mas não ao uso de medicamentos, culminando num aumento da dose e, portanto, um maior dano causado em órgãos, podendo afetar o funcionamento do Trato Gastrointestinal (36,9%), do Sistema Nervoso Central e Periférico (9%) e até da frequência e ritmo cardíaco (3,5%). Em 2014, Cruz *et al.* evidenciou um processo associado a banalização venda de antitérmicos e de medicamentos de ação no sistema respiratório, de tal forma que medicamentos estavam sendo utilizados numa faixa etária menor que a permitida pela bula e pela medicina, fator este que contribuiu para o aparecimento de episódios iatrogênicos. (Sousa *et al.*, 2018); (Cruz *et al.*, 2014)

No Brasil, 40.833 pessoas responderam a um questionário, possibilitando afirmar que os fatores associados ao perfil da automedicação envolvem o perfil socio econômico, estilo de vida, facilidade de acesso e custo dos medicamentos, exposição a propagandas televisivas ou virtuais, influência familiar e comunitária, nível educacional dos pais, idade, sexo e prescrições antigas. Esses fatores foram corroborados por um estudo transversal de 2016, pregando um perfil prevalente ante a automedicação sendo composto por indivíduos na faixa etária de 10 a 19 anos (12,6%), com nível de escolaridade dos pais sendo maior que 12 anos (19,4%) e que apresentem um elevado poder aquisitivo (16,3%). O estudo ainda apontou a família como sendo uma das principais fontes de informação sobre medicamentos expondo experiências durante o uso de determinado fármaco; farmacêuticos e amigos também foram apontados como fontes de informação entre os entrevistados. (Arrais *et al.*, 2016; De Sanctis *et al.*, 2020).

O mesmo estudo determinou a incidência de maiores níveis de automedicação entre jovens do sexo feminino (74%) frente aos níveis do sexo masculino (24%), que fora sustentado pelo princípio que garotas e mulheres apresentam o ciclo menstrual associado com quadros de dismenorrea. Fato este sustentado pelo estudo de coorte realizado em 2012, que fomentou a ideia de uma maior prevalência da automedicação em meninas a partir da menarca devido às dores causadas pelo processo menstrual. A pesquisadora também incluiu a perspectiva dos medicamentos contraceptivos, que são iniciados com o objetivo de lidar com a própria dismenorrea pela interrupção do ciclo menstrual, contudo, a falta de informação profissional culmina em pacientes tomando doses preocupantes de hormônios que podem trazer prejuízos no futuro, como o tromboembolismo. (De Sanctis *et al.*, 2020; Bertoldi *et al.*, 2012)

De modo geral, o perfil de automedicação nas crianças e adolescentes é semelhante em países da América, Europa, África e Ásia. Na Romênia, os analgésicos constituem a principal classe medicamentosa mais administrada pelos pais nos seus filhos, é o que evidencia os dados encontrados através da entrevista de um grupo de 241 pais e/ou responsáveis, que mostra que 94% das crianças já foram automedicadas por representantes da classe farmacológica. (Tarcic *et al.*, 2022)

Em Ruanda, a automedicação pediátrica foi relatada em 77,9% dos casos entrevistados em uma pesquisa de cunho quantitativo transversal multicêntrico, realizada com 154 pais e/ou cuidadores. Os pais e/ou cuidadores afirmam fazerem uso da

automedicação considerada moderna (uso de medicamentos alopáticos) e tradicional (uso de ervas medicinais). Na automedicação moderna o paracetamol foi a droga mais utilizada por seus filhos, já na automedicação tradicional houve a utilização de ervas tradicionais ruandesas. As barreiras para realização de consulta foram citadas como principal motivo de realizarem a prática da automedicação, assim como Silva *et al.* (2018) descreveu em seu estudo realizado no Brasil. (Ukwishaka *et al.*, 2020)

No México, o uso de analgésicos ficou em segundo lugar (56,9%), sendo o descongestionante VapoRub o medicamento mais utilizado. Além disso, foram relatadas o uso de ervas medicinais, como camomila, arnica e Aloe vera. A utilização de plantas medicinais no tratamento de doenças em crianças, assim como nos adultos, demanda atenção. Apesar de ser uma prática comum, e nenhuma das plantas descritas no estudo apresentarem efeitos tóxicos aos humanos, seu uso deve ser monitorado, já que há potenciais chances de possíveis reações adversas e alterações na farmacocinética de medicamentos alopáticos, provenientes das interações entre plantas medicinais e medicamentos. (Alonso-Castro *et al.*, 2022)

Em 2014, um estudo descritivo envolvendo 555 pais e/ou responsáveis por crianças, analisou a prevalência da automedicação entre crianças de 0 a 14 anos de idade e demonstrou a prevalência de 56,7% dos entrevistados que praticam a automedicação em seus filhos, e ainda 72,9% associam o uso indevido com plantas medicinais, podendo evidenciar alguma interação medicamentosa, pondo em risco a vida das crianças e adolescentes. O uso aumentado de medicamentos associado ao fator da automedicação incita que classes medicamentosas de diferentes tipos sejam utilizadas ao longo da vida. Arrais *et al.* demonstra uma procura maior de Anti-inflamatórios Não Esteroidais (AINES), analgésicos e relaxantes musculares (58,9%), seguidos de medicamentos para distúrbios respiratórios, como tosse, alergias e resfriados (5,9%). Já Cruz *et al.* (2014) apresenta as classes de medicamentos mais utilizadas como sendo analgésicos e AINES (40,9%), seguida de medicamentos indicados para transtornos do aparelho respiratório (20,8%). (Cruz *et al.*, 2014; Arrais *et al.*, 2016).

Dados obtidos dentre 1100 adolescentes em escolas no Kuwait, com uma distribuição de 54,9% sendo meninos e 45,1% sendo meninas, cuja idade média era 16,2 anos, apresentou que dentro do público masculino, há uma prevalência da automedicação em 64% dos indivíduos (302 meninos), sendo o alívio da dor a maior causa da automedicação. Os medicamentos mais utilizados nesse caso foram o Paracetamol (30%), o ácido acetilsalicílico (12%), o ibuprofeno (4%) e o diclofenaco (3%). Quando perguntados sobre a origem destes medicamentos, 57% apontou que conseguiram adquirir em farmácias por meio do compartilhamento de prescrições e comentários dos pais, contudo o acesso aos medicamentos por meio de estoques em casas foi maior (60%). Silva *et al.*, em 2012, apontaram uma prevalência maior quanto à automedicação pelos medicamentos disponíveis em casa (68,3%), seguida de uma taxa de 53,1% referente à compra pelos conselhos de familiares e amigos e finalizando com uma prescrição antiga (40,4%). Assim, apontou-se uma diminuição dos níveis de automedicação por reservas de medicamentos nos lares (8,3%) num período de 8 anos. (De Sanctis *et al.*, 2020; Corrêa da Silva *et al.*, 2012)

Ainda assim, consoante Silva *et al.* (2018) outros motivos que levaram os pais a realizarem a prática foi a dificuldade de locomoção até a unidade de saúde, bem como as barreiras enfrentadas para conseguir atendimento médico. A qualidade da consulta médica também foi um motivo citado pelos pais, que afirmam que usualmente são orientados a voltar para casa com filhos diagnosticados com virose e prescrição de medicamentos que já eram previstos; assim sendo, alguns pais e/ou responsáveis afirmaram ser melhor automedicar os filhos em casa, para economizarem tempo e dinheiro. Além disso, pais e/ou responsáveis afirmaram realizar a automedicação mediante informações obtidas em consultas antigas com pediatras, informações repassadas pelo farmacêutico e indicações de outros familiares. Com base nos resultados, observa-se que a garantia de acesso e de assistência à saúde às crianças ainda apresenta limitações, e que a qualidade do atendimento de saúde ainda carece de melhorias para que a integralidade e universalidade à saúde sejam ainda mais evidentes.

Maniero *et al.* (2018) buscou analisar o perfil da automedicação em crianças de zero a cinco anos de idade em crianças do Sul do Brasil. Os autores observaram que os medicamentos mais utilizados por esse público foram aqueles que atuam no

sistema nervoso (24,8%), no sistema respiratório (20,5%), no aparelho digestivo e no metabolismo (12,8%), no sistema musculoesquelético (12,2%) e os antimicrobianos 8,8%). Quanto à idade, as crianças de até 24 meses foram significativamente mais medicadas do que as mais velhas, possivelmente pelo fato de que o sistema imunológico das mesmas ainda estar em desenvolvimento e não poder combater efetivamente as infecções. Em relação ao perfil dos cuidadores, Maniero mostra que características como escolaridade, renda e estado civil, além da cobertura de plano de saúde, não influenciaram no uso de medicamentos.

Um estudo de coorte contou com 5.249 mães, coletando informações sobre o uso de medicamentos e a automedicação em seus filhos conforme o crescimento dos mesmos durante 15 anos. A pesquisa conseguiu demonstrar um padrão relacionado a automedicação e ao uso de medicamentos numa faixa etária de 0 a 15 anos. Fora identificadas taxas de automedicação de 29%, 17%, 15,7% e 20,2%, com 1 mês, 1 ano, 4 anos e 15 anos, respectivamente; já o uso de medicamentos foi tido como 64,7%, 52%, 35% e 30,9%, no mesmo intervalo de tempo. Assim evidenciando um padrão parabólico, que diminui gradualmente durante a faixa etária de 6 meses a 11 anos e se apresenta levemente aumentadas entre os 3 primeiros meses de vida e o período da adolescência (12-15 anos); o uso de medicamentos mostrou um gráfico decrescente o que aponta que há uma menor necessidade de medicamentos com o passar da idade, havendo um leve aumento no público feminino durante a adolescência (12-15 anos) pelos fatores inerentes à menarca. (Bertoldi *et al.*, 2012; Arrais *et al.*, 2016).

4. Considerações Finais

A automedicação é um fenômeno comum e preocupante, utilizado pelo pretexto de imediatismo da cura e da falta de informação profissional, que pode ocasionar condições iatrogênicas, agravar um quadro de saúde, associar o quadro clínico a reações adversas, e, culminar em óbito do paciente, dependendo do fármaco administrado. A literatura evidencia que a automedicação em crianças e adolescentes é uma prática comum no Brasil e no mundo. Embora seja considerada um problema de saúde global, a automedicação quando retratada no público jovem (crianças e adolescentes) pouco é debatida. Como visto, a automedicação nessa faixa etária está fortemente atrelada a influência direta de pais e/ou responsáveis.

Dessa forma, o investimento em políticas públicas na educação em saúde direcionadas aos pais e responsáveis, objetivando um fornecimento de informações seguras e atualizadas sobre a utilização de medicamentos em crianças e adolescentes, englobando a utilização de práticas alternativas de terapias de forma segura e eficaz. Com base nisso, o desenvolvimento de estudos que contemplem essas populações a fim de que se conheça ainda mais os motivos que levam a prática e as consequências da mesma no seio familiar é de grande importância para o desenvolvimento de condutas que visem diminuir os índices da automedicação e manuseio preciso diante dos efeitos clínicos manifestados, garantindo assim que quando a automedicação seja realizada, o tratamento ocorra de forma segura, sob orientação prévia de um profissional habilitado e em quadros clínicos adequados.

Referências

- Alonso-Castro, A. J., Ruiz-Noa, Y., Martínez-de la Cruz, G. C., Ramírez-Morales, M. A., Deveze-Álvarez, M. A., Escutia-Gutiérrez, R., & Ruiz-Padilla, A. J. (2022). Factors and Practices Associated with Self-Medicating Children among Mexican Parents. *Pharmaceuticals*, 15(9), 1078. <https://doi.org/10.3390/ph15091078>
- Araújo, A. L. D., (2015) Estudos brasileiros sobre automedicação: uma análise da literatura. *Rev. Bras. Farm.* 96 (2): 1178 – 1201. <https://bdm.unb.br/handle/10483/8734>
- Araujo, W. P., Rios, A. G., & Souza, F. D. O. (2020). Prevalência de intoxicação por medicamentos no estado da Bahia entre 2007 e 2017. *Rev. epidemiol. controle infecç.* 1-15. <https://doi.org/10.17058/reci.v10i4.15124>
- Arrais, P. S. D., Fernandes, M. E. P., Pizzol, T. da S. D., Ramos, L. R., Mengue, S. S., Luiza, V. L., Tavares, N. U. L., Farias, M. R., Oliveira, M. A., & Bertoldi, A. D. (2016). Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. *Revista de Saúde Pública*, 50(suppl 2). <https://doi.org/10.1590/s1518-8787.2016050006117>

- Beckhauser, G. C., Souza, J. M. D., Valgas, C., Piovezan, A. P., & Galato, D. (2010). Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. *Revista Paulista de Pediatria*, 28, 262-268. <https://doi.org/10.1590/S0103-05822010000300002>
- Bertoldi, A. D., Telis Silveira, M. P., Menezes, A. M. B., Formoso Assunção, M. C., Gonçalves, H., & Hallal, P. C. (2012). Tracking of Medicine Use and Self-Medication from Infancy to Adolescence: 1993 Pelotas (Brazil) Birth Cohort Study. *Journal of Adolescent Health*, 51(6), S11–S15. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.06.027>
- Corrêa da Silva, M. G., Soares, M. C. F., & Muccillo-Baisch, A. L. (2012). Self-medication in university students from the city of Rio Grande, Brazil. *BMC Public Health*, 12(1). <https://doi.org/10.1186/1471-2458-12-339>
- Cruz, M. J. B., Dourado, L. F. N., Bodevan, E. C., Andrade, R. A., & Santos, D. F. (2014). Medication use among children 0-14 years old: population baseline study. *Jornal de Pediatria*, 90(6), 608–615. <https://doi.org/10.1016/j.jpmed.2014.03.004>
- De Sanctis, V., Soliman, A. T., Daar, S., Di Maio, S., Elalaily, R., Fiscina, B., & Kattamis, C. (2020). Prevalence, attitude and practice of self-medication among adolescents and the paradigm of dysmenorrhea self-care management in different countries. *Acta bio-medica: Atenei Parmensis*, 91(1), 182–192. <https://doi.org/10.23750/abm.v91i1.9242>
- Goulart, I. D. C., Cesar, J. A., Gonzalez-Chica, D. A., & Neumann, N. A. (2012). Automedicação em menores de cinco anos em municípios do Pará e Piauí: prevalência e fatores associados. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 12, 165-172. <https://doi.org/10.1590/S1519-38292012000200007>
- Khan, D., Kirby, D., Bryson, S., Shah, M., & Mohammed, A. R. (2022). Paediatric specific dosage forms: Patient and formulation considerations. *International Journal of Pharmaceutics*, 121501. <https://doi.org/10.1016/j.ijpharm.2022.121501>
- Maniero, H. K., Martins, A. A., Melo, A. C., Paz, L. P. D. S., Schraiber, R. D. B., & Galato, D. (2018). Uso de medicamentos em crianças de zero a cinco anos de idade residentes no município de Tubarão, Santa Catarina. *Revista Paulista de Pediatria*, 36, 437-444. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2018;36;4;00008>
- Marulanda, F. Á. T., Pavas, S. M., & Rodriguez, M. Á. O. (2018). Automedicación familiar, un problema de salud pública. *Educación Médica*, 19, 122-127. <https://doi.org/10.1016/j.edumed.2017.03.004>
- Medeiros, R. A. D., Pereira, V. G., & Medeiros, S. M. D. (2011). Vigilância em saúde na enfermagem: o caso das medicações sem prescrição em crianças. *Escola Anna Nery*, 15, 233-237. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452011000200003>
- Silva, J. G. D., Gomes, G. C., Costa, A. R., Juliano, L. F., Aruda, C. P., & Carvalho, L. N. D. (2018). A prática da automedicação em crianças por seus pais: atuação da enfermagem. *Rev. enferm. UFPE on line*, 1570-1577. <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i6a230779p1570-1577-2018>
- Sousa, J. R. de, & Santos, S. C. M. dos. (2020). Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa. *Revista Pesquisa E Debate Em Educação*, 10(2), 1396–1416. <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>
- Sousa, L. A. O. de Fonteles, M. M. de F., Monteiro, M. P., Mengue, S. S., Bertoldi, A. D., Pizzolo, T. S. D., Tavares, N. U. L., Oliveira, M. A., Luiza, V. L., Ramos, L. R., Farias, M. R., & Arrais, P. S. D. (2018). Prevalência e características dos eventos adversos a medicamentos no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 34. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00040017>
- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. de. (2010). Integrative review: what is it? How to do it? *Einstein (Sao Paulo, Brazil)*, 8(1), 102–106. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>
- Soares, C. B., Hoga, L. A. K., Peduzzi, M., Sangaleti, C., Yonekura, T., & Silva, D. R. A. D. (2014). Integrative review: concepts and methods used in nursing. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(2), 335–345. <https://doi.org/10.1590/s0080-6234201400002000020>
- Tarciuc, P., Stanescu, A. M. A., Diaconu, C. C., Paduraru, L., Duduciuc, A., & Diaconescu, S. (2020). Patterns and factors associated with self-medication among the pediatric population in Romania. *Medicina*, 56(6), 312. <https://doi.org/10.3390/medicina56060312>
- Telles, P. C. P., Filho & Pereira, A. D. C., Jr. (2013). Automedicação em crianças de zero a cinco anos: fármacos administrados, conhecimentos, motivos e justificativas. *Escola Anna Nery*, 17, 291-297. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452013000200013>
- Ukwishaka, J., Umuhoza, C., Cartledge, P., & McCall, N. (2020). Pediatric self-medication use in Rwanda—a cross sectional study. *African Health Sciences*, 20(4), 2032-43. <https://doi.org/10.4314/ahs.v20i4.61>
- Ylä-Rautio, H., Siissalo, S., & Leikola, S. (2020). Drug-related problems and pharmacy interventions in non-prescription medication, with a focus on high-risk over-the-counter medications. *International Journal of Clinical Pharmacy*, 42(2), 786-795. <https://doi.org/10.1007/s11096-020-00984-8>